

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a cõrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

AVISO

Os snrs. subscriptores, tanto da cõrte como de fóra, são rogados a mandar reformar suas assignaturas da **MARMOTA**, pagas adiantadas, até o dia 15 de julho, isto no caso de quererem continuar a recebê-la sem interrupção.

UMA EMOÇÃO

(Continuação do n. 964.)

« Incapaz de domar sua impetuosidade, o estranguiro se pôz a quebrar os frastes com o sabre; um desgraçado gato, amigo fiel da paralytica e testemunha de todo o alvoroço, julgou escapar saltando á cadeira de braços de sua senhora. O francez o viu; era um ser animado, seu furor tocava á meta; havia uma victima a fazer; arrancou o animal das mãos tremulas da minha pobre mãe espantada, e levantando o texto do fogão o precipitou no braseiro.

POLKETT M.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Princípiou no n. 942.)

— Oh meu Deus, disse Iphigenia implorando ao céu, em tanta perversidade não havia eu sonhado! Meu filho, tudo tentei para salvar-to, para te dar a ventura que mereces. Por milagre salvei-me das ondas furiosas que me queriam engulir; seguindo-to, chego aqui e revelo o segredo do teu nascimento que eu quizeria que sempre fosse ignorado por ti; porque sei quão desgraçado te acharias sabendo-o, sendo a deshonra da tribu. Ouves, meu filho, exclamou a desventurada mãe percorrendo em derredor da gruta, affrontei a ignominia, fui negada por aquelle que me devo mais que a vida, soffri os escarros do insulto e do vituperio, eu, a

« A este ultimo insulto que se nos fazia tão imerecidamente, a paralytica tresvariada fez um esforço sobrehumano, levantou-se e cahio, ergueu-se ainda, encontrou em si mesma um ponto de apoio miraculoso, e readquirindo subitamente o uso da mobilidade, abandonou esse lugar de desolação.

« Levantou-se e andou!

« Que lhe direi eu, Sr? A cura foi certa e completa. Minha boa e adorada mãe estava salva. O official francez que nos parecera um assassino, foi á seu pezar uma providencia. Nos campos a gente é credula, tem-se fé. Não se ri nem de Deos, nem dos anjos, nem dos prophetas, nem dos milagres, que podem assignalar sua invisivel presença cá em baixo.

« Não se sabe como existimos, mas tem-se consciencia que se existe, e se adora ao ser que nos formou e nos anima. A linguagem da impiedade nos é desconhecida. Nenhum dos habitantes do *Bom Soccorro* que presenciou esta cura extraordinaria abstracto o poder supremo da divindade. Nós julgamos um milagre, e ainda pensamos da mesma forma. Ainda mais; o gato não succumbio; perdeu tão somente as unhas, e para nós tornou-se desde então um animal venerado; foi tratado com desvelo, morrendo no maior grão de velhice a que podia chegar, e seus descendentes foram para nossa familia um objecto de veneração.

« Vê o Sr. este fogão de ferro fundido, é um dos actores da scena, um dos insru-

nobre filha de um Cacique!.. Tudo, tudo fiz por ti, meu filho querido! Mas tu me recomparas, não é assim! () teu perdão, o teu amor extremo rehabilitará tua infeliz mãe, e eu esquecerei todas as angustias que soffro neste momento. Oh! o teu perdão, meu filho, o teu amor!..

— Só no céu minha mãe, exclamou a Sra. de Villar com doce inflexão de voz, elle vos pagará esse amor tão extremo; porque vosso filho já não pertence aos vivos!..

— E onde está elle?... perguntou a amargurada mãe com a vista turva pelas palavras que acabava de ouvir.

— Eil-o!!.. apontou a donzella para o cadaver de Leonardo!..

— Que! meu filho... morto!.. o filho... de... minhas entranhas!.. o meu... Leonardo... sem vida... ah! e morto por quem?! por... elles!.. por seus... tios... por... seu pai!!.. Oh! accrescentou Iphigenia, ajoelhando-se e estendendo a mão com sublime expressão de dôr, e com voz solemne fixando D. Luiz; tu que seduzista a filha de teu hospede, tu que negaste o mais puro e sincero amor, tu que desconhecias as mais sagradas leis da natureza, tu que não teas

mentos do milagre; este gato que acaba de nos causar tanta emoção e tanta surpresa, é o ullimo descendente em linha recta do que concorreu para a salvação de minha mãe, para a cura completa da paralytica.

« Ficou sabendo agora a história do *Bom Soccorro*. »

Inclinei-me. Não podia deixar de ser a patria sonhadora de Herder, Goete e de Hoffmann.

II.

A sciencia tem explicado, por decomposições chímicas, muitos milagres artificiaes. Um pouco de cebo, carmin, ousadia e calor animal, têm sido bastantes para conseguir-se o successo tradicional de mais de uma velhacaria humana. Mas nem sempre Deos permite que os homens cheguem a seus fins.

O restabelecimento da velha paralytica do *Bom Soccorro* será um verdadeiro milagre? Scientificamente, physiologicamente, pathologicamente, ninguém poderá duvidar que o seja.

Dirão talvez alguns: foi a imaginação que actuou por tal forma em seu physico que produziu o cobro de forças; mas substituir a imaginação a um poder sobre-natural é apenas mudar o nome de um agente incognito. Porque a exaltação levada a um alto grão impregnou o corpo de sua influencia? Como se hão de explicar os seus meios de neção? E' isto uma questão tão ardua como o problema da vida! Quando a physiologia

coração senão para forjares o mal, homem degenerado, eu te amaldiçoó!..

— Levem daqui aquella mulher, disse o *homem grande*, designando a joven Sra. que estava ajoelhada junto ao corpo do morto, rompendo o longo silencio que se seguio á maldição da india. E deixem esta louca que nos veio interromper com lamurias estudadas.

— Vinde, Sra., disseram os dous irmãos mais novos, approximando-se da donzella com certo respeito, porque essa joven tinha um exterior tão tocante que subjungava o proprio vicio; dignai-vos acompanhar-nos.

— Acabai vossa obra, meus irmãos, disse a moça com uma voz doce e cheia de celeste unção; o que intentais é matar-me, não é assim? Vossas mãos ainda nao estão bem tintas de sangue, pois apressai-vos que desejo ir reunir-me a meu esposo que me acena lá do céu. Não é hoje a minha noite de bodas?! accrescentou ella desvairada. Fazei-me o unico bem que terei de vós recebido: o de morrer junto ao corpo de Leonardo.

Os dous moços estremeeceram com estas palavras, e seus olhos involuntariamente se fixaram no cadaver do mancoço.

— Sim, tu morrerás, mulher indigna,

puder curar ao fumo... mas pôde ella alguma vez realizar isso? Como a vontade faz contrahir os musculos, ella pôde dar-lhes a vida mormente com o auxilio de um susto medonho que os faça entrar em movimento e os obrigue a fugir de um precipicio. O susto neste caso opera como um agente electrico.

As minhas excursões nos campos de Iser, se me não fizeram descobrir as *Nizes do Norte*, cantadas por Henrique Heine, nem a radiante *Fada das tempestades*, encontrada por Geraldo de Nerval, permittiram que me mirasse por algum tempo em dous dos mais bellos e fascinantes olhos allemães, cujo brilho terno e enlavador saudoso me recordo ainda, e que encontrasse um thema de psychologia physiologica.

FIM.

TRAD. POR BRAULIO CORDEIRO.

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, do 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

— Então que novidades ha por lá?

Nós já vimos que Ligeiro é bastante cacondor e chocarreiro; antes, pois, de responder medio bem sua posição, o lugar e circumstancias em que se achava, e por isso começou a mentir descaradamente, mas sempre em seu proveito.

— Muito grandes, respondeu elle.

— Então, quaes são?

— E' que se impoz um tributo sobre to-

scudio D. Martim, que prostergaste todas as leis da honra e da nobreza, entregando-te a um homem sem nome e sem nascimento; porém em consideração á minha qualidade não morrerás como esse cão; has de morrer como christã, para que tua alma se não perca na Eternidade. Ah! o castigo do teu crime começa neste momento pela tua vergonhosa confissão

— Oh! lá, Sr. vigario, entre para cá, que tem que fazer. Dizendo isto, sahio com os outros irmãos da gruta, fazendo nella entrar o padre que o havia acompanhado. Era este um santo homem, que fazia as funcções de vigario na villa, e tinha sido convidado por D. Martim naquella dia para exercer outros deveres do seu cargo bem diferentes dos que agora ia preencher!... Quando o padre sahio da gruta, ia extremamente commovido. Chegou mesmo a implorar com lagrimas o perdão da infeliz.

— Ella não é culpada, Sr., é um anjo que vòs para o céu!

— E' uma hypocrita, uma viciosa, meu padre, que até mesmo a vós soube enganar. E' preciso que morra para não existir na nossa familia uma nodosa.

dos os tropeiros e negociantes de animaes, sejam lá os animaes quaes forem...

— O que dizeis? bradaram alguns delles.

— E' o que vos digo:

— E de quanto é o tributo?

— De quinhentos réis sobre cada cabeça.

— Isto é um roubo...

— E' um desaforo...

— O nosso gado é nosso...

— Nosso e muito nosso...

— E' nosso e ninguém nos ajuda a criá-lo.

— Não pagaremos.

— Não; não pagaremos.

E, fazendo uma algazarra infernal, gritavam todos ao mesmo tempo:

— Não pagaremos, não pagaremos.

— São uns ladrões...

Como não haveis de pagar, Srns? disse Ligeiro mui socegradamente; hem vêdes que isso não está em vossas mãos. Os tropeiros que têm descido de diferentes lugares, para o Rio de Janeiro, têm pago todos.

— E nós não pagamos.

— Pois em toda a parte já se está pagando essa taxa.

— E nós não pagamos...

— Não queremos pagar.

— E não sabeis vós quem aconselhou ao rei lá em Lisboa para impor essa taxa sobre os criadores?

— Então quem?..

— Ora, quem? os padres da Companhia!

— Ladrões! ladrões!

— São uns velhacos!...

— Estes ladrões já ensinaram aos indios a nos resistir!...

— Os indios, que eram nossos escravos...

— Que com tanto trabalho iamos apanhar os nos matos...

— Depois têm feito representações e queixas para que nós não nos servissimos com os indios...

— Mas é porque elles querem só ser servidos por elles.

— Isso é verdade, dizia Ligeiro. Mas vós outros tendes na mão para não pagar. A taxa em alguns lugares é voluntaria, e aquelles que não quizerem pagar deverão dentro em um mez, depois da publicação do decreto, representar ao governador que não

— Sr., vêde o que ides fazer: vós culpais uma innocente, Deos é justo e não deixará sem castigo o vosso peccado.

— Fostes aqui chamado, meu padre, para confessar esta peccadora, fizestes o vosso dever, retirai-vos: o resto só a nós compete decidir.

— Enganais-vos, Sr., cumprio a vontade do Divino Mestre, livrando do crime a mão que nelle vai manchar-se. Esta donzella é innocente, vós a ides matar sem a julgar. Sois um assassino!...

— Retirai-vos, padre, respondeo D. Martim indignado, senão quereis ir aqui levado de outro modo; jámais um Villar deixou de fazer justiça como merecem os delinquentes.

— O céu tomará a sua conta fazer-vol-a também; murmurou o sacerdote, sahindo.

Os Villares, retardados na execução de sua vingança, entraram na gruta impacientes e irados. Estavam ali duas mulheres junto ao cadaver ensanguentado de um mancebo de notavel belleza. Uma, era a expressão da desesperação selvagem; estorcia-se, rofava pelo chão, rompia suas roupas e ensopava suas negras e longas tranças no sangue que corria do finado. Outra parecia

podem pagar. Entre os lugares onde a taxa é voluntaria um é este. Daqui ha oito dias é que se completa o mez, e vós entretanto podeis requerer. Notai porém que se o não fizerdes dentro dos oito dias, entender-se-ha que consentis no decreto, e então deveis pagar, o pagar por força.

— E a quem devemos requerer?

— Ao governador.

— E como havemos nós deixar os nossos negocios já e já, partirmos daqui para Missões onde se acha o governador?

— Pois mandai alguma pessoa.

— Quem ha de ir?... Quem ha de ir d'entre nós?—

Ninguém se moveu. Tudo ficou em silencio. Estavam, pois, todos irresolutos.

— Pois bem, disse Ligeiro, visto que nenhum de vós se resolve a deixar seus negocios e perder alguns dias em favor de todos, quero eu fazer-vos esse serviço....

— Vós?!

— Sim! eu mesmo. De que vos admirais?

— De que sem conhecer-nos....

— Eu vos explico. Desejo que ninguém

pague esta taxa, e que os padres da Companhia fiquem com o seu conselho de nenhum effeito, porque eu lhes tenho tanto odio, porque eu de tal sorte os aborreço, que lhes desejo beber o sangue. Demais, sou correio, venho expedido do Rio de Janeiro, levo cartas e outros papeis para o governo: ora como vou para Missões, que me custa tomar conta de vossa petição, o dai-a ao governador? elle tem de despachal-a; e descançai que o despacho hade vos ser favoravel....

— Muito bem!.. muito bem!..

— Precisaes vós de alguma cousa?

— Dizei...

— Eu? de que? de nada. Não levo dinheiro, nem cousa de valia, mas levo uma ordem para se me dar tudo quanto eu precisar, e até do me fazer acompanhar por quem eu quizer: ora, como nada tenho precisado, nada tenho exigido, tambem não tenho chamado pessoa alguma para acompanhar-me, por não julgar isso preciso: os caminhos são de paz...

— Pois estais certo disso?

o anjo mandado do céu para guardar o corpo do eleito do Senhor das vistas profanas dos impuros; sendo breve a sua viagem na terra, olhava para o céu como o romanso que seus olhos buscavam, horrorizados das torpezas dos homens! Sua belleza tinha alguma cousa de celeste: suas brancas vestes, seus cabellos soltos á vontade pelo peito e hombros, seu véo de noiva que lhe cingia a fronte como uma aureola de santa, seus olhos que brilhavam com um fulgor desconhecido, davam a toda a sua pessoa um perfume verdadeiramente angelico. Estava ajoelhada e orava com fervor! D. Narcisa de Villar, esperava com firmeza a vinda de seus algozes. Pertencendo já ao céu, esquecia a sua dor para só consolar com doces palavras a desgraçada mãe, que ia ficar só no mundo! Os assassinos se approximaram da victima, e sem se condoerem de tanta belleza e mocidade, com as proprias tranças de seus negros cabellos a suffocaram... Sem muito esforço dos malvados, a donzella cahio sem vida como a tenra avezinha é esmagada pelas patas do quadrupede!

(Continúa.)

— Estou mais que certo.
 — E quem nos ha de trazer a petição despachada?
 — Eu mesmo.
 — Pois vós voltaís?
 — Sem duvida. Logo que o governador receber os papeis que levo, tem de aviar-me, e como volto por aqui trarei a vossa petição despachada. Comtudo creio que vos não acharei aqui.
 — Não importa dareis aqui ao dono da casa.
 — Muito bem. No entanto fazei a petição.
 — Quem escreve?
 — Eu tenho má letra, dizia um.
 — Eu não sei ler, dizia outro.
 — Eu não sei notar, replicava este.
 — E nem eu, respondia aquelle.
 — Não seria melhor que vós mesmo a fizesseis? disse o dono da casa.
 — Forci.

(Continúa.)

Nome.

Adelia e Rosa são duas,
 Uma só, sómento sendo;
 Se canto de Adelia os dotes,
 De Rosa os vou descrevendo.

Adelia e Rosa são nomes
 Diversos, mas iguaes são;
 Se o coração dou a uma
 Tem a outra o coração.

Adelia e Rosa são bellas
 São ternas e são galantes,
 Ambas ellas são gentis
 Tambem ambas são amantes.

Adelia e Rosa são anjos
 Reunidos n'um corpo só,
 São anjos que no sen peito
 Nunca pôde entrar o dó.

Adelia e Rosa são gêmeas
 São dous nomes e é só um,
 Ou por outra estes dous nomes
 Não valem nome nenhum.

Adelia e Rosa são nomes
 Que nada bõ de explicar,
 O nome da que eu adoro
 Nunca hei de profanar.

M. A. Calazans Peixoto. ✓

Zombas!

Oh linda donzella
 Acreditas no amor,
 Que te rende o cantor
 Sua lyra vibrando?
 Ou delle tu zombas
 Com acres motejos,
 Quando elle só beijos
 Está desejando?!

Julgas por ventura
 Que não saiba te amar,
 É que elle faça vibrar
 Uma nota mentida
 Na sua lyra de amor?
 Oh! não penses assim!
 O seu amor terá fim
 Fiudando a sua vida!

Colibri inconstante
 Os ares cortando,
 Vai o caule beijando
 Da flôr perfumada;
 E ella sorriando
 P'ra o alado cantor,
 Se sorri de amor
 C'o a face engraçada!

A brisa suspira
 Suspiros de amores,
 Amor tem as flôres...
 E ellas amando
 Mil beijos recebem
 Das auras teimosas,
 Que correm graciosas
 Seus caules tocando!

Oh linda donzella
 Acreditas no amor,
 Que te rende o cantor
 Sua lyra vibrando?
 Ou delle tu zombas
 Com acres motejos,
 Quando elle só beijos
 Está desejando?!

S. Paulo—1858.

Antonio Manoel dos Reis. ✓

ANECDOTAS.

Um pouco menos de espirito e eu seria imperatriz!

O imperador, em cujo reinado eu vivia, querendo casar-se mandou publicar por editaes que todas as mulheres que se julgassem bellas e a quem couvisse o throno, se achassem em Constantinopla, para que melhor podesse fazer a escolha da que lhe agradasse. Deos sabe a influencia que houve! Eu ahi me apresentei, e, com os meus olhos vivos, certa graça e alguma finura de espirito, não receiava entrar em concurrencia. No dia designado, reuniram-se todas as bellas pretendentes, e em cada uma dellas se via o que pôde a natureza e a arte quando as mulheres se querem fazer valer; comtudo, eu notava cheia de satisfação e já com uma especie de orgulho, que minhas rivas não me olhavam já com muito bons olhos. Chegada a occasião, o imperador appareceu e passou pelas filieiras de muitas e encantadoras bellas sem lhes dizer uma só palavra; mas quando ia a passar por defronte de mim, meus olhos me serviram tão bem nessa occasião, que elle parou e fixando-me attentamente, assim com ar de quem me deixava conceber alguma esperança, me disse com certa amabilidade:—As mulheres são muito perigosas e podem fazer muitos males.—Eu julgando que lhe agradaria uma resposta ao pé da letra e que com um pouco mais de espirito eu seria imperatriz, na confusão das idéas que me sobrevieram á mente, já me julgando preferida, respondi-lhe:—Em recompensa, senhor, as mulheres podem fazer e têm já feito muitos bens. Esta resposta deitou-me a perder! O imperador achou-me espirituosa de mais, e temeu fazer-me imperatriz. Lançou os olhos sobre a bella Theodora, e não sei que encantos achou na sua linguagem muda, que deu-lhe a mão e foi ella a preferida! Então conheci o erro em que havia cahido, e disse comigo:—Um pouco menos de espirito e eu seria imperatriz!

—Ha quatro cousas, dizia certo abbade, de que deve-se acoutelar o mundo: do rosto de uma mulher, das ancas de uma mula, do lado de um carro e de um monge de qualquer dos lados.

—Contava-se em certa roda que o Marquez de Crequis tinha sido envenenado.

—Sem duvida, disse a Sra. Marchais, foi alguma dentada que dou na lingua; fallava tanto!

—Corvisart deplorava em um circulo a morte prematura do Dr. Backer:

—Não foi por falta de cuidados! he m delle se cuidou; nos ultimos dias de sua molestia não o deixámos, Hallé, Portal e eu.

—Ah! interrompeu Sieyes, com quem queriam que resistisse a trest!

—Montaigne diz que a sciencia é um sceptro em certas mãos e em outras é um bastão

—Uma joven indiana ia segundo o uso ser queimada por haver morrido seu marido:

—Vós ides tornar a vêr vosso esposo, lhe disse o sacerdote que a acompanhava ao supplicio.

—Ah! disse ella, se é para encontrar com meu marido, eu prefiro não morrer.

—Deve-se rir a gente antes de ser feliz do pezar de morrer sem haver rido.

Bello acto de generosidade.

—Um soldado, que tinha o habito de embebedar-se, foi accusado e convencido de ter blasphemado contra Deos, de ter profendido injurias contra o rei e fallado mal dos magistrados da cidade, onde se achava de guarnição. Os magistrados que desejavam vingar-se não trepidaram de pronunciar contra elle uma sentença severa, condemnando-o como criminoso de lesa-majestade, divina e humana. A sentença foi remettida a Frederico o Grande que escreveu abaixo o seguinte:—Se este tratante blasphemou contra Deos compete a Elle perdoal-o pelas injurias ditas contra mim ou o perdão, mas por ter fallado mal dos magistrados o condemnno em 24 horas de prisão.

P. B.—trad.

Se ella me quizesse ouvir.

Sua belleza me deslumbrou
 Sou olhar me fez dores sentir,
 Mas tudo se podia sanar
 Se ella me quizesse ouvir.

Eu lhe diria... sim, diria
 O que meu peito faz sentir,
 Eu me dobraria a seus pés
 Se ella me quizesse ouvir.

Não sê barbara, eu te peço,
 Faze meu peito ao teu unir,
 Sim, faze... ó anjo, eu diria
 Se ella me quizesse ouvir!

S. Paulo—1858.

Antonio Mannel do Reis.

Versos chistosos.

de diversos autores, antigos e modernos, que se cantam em fados ou por distracção.

Aqui nesta rua, rua,
Aqui neste canto, canto,
Aqui nesta rua mora
Quem ou quero tanto, tanto!

Vossê diz que o preto é luto
Eu digo que o branco é gala;
Vossê pensa que ou não sei
Com quem vossê se regala?

Quando eu olho para Chico
Dá-me vontade de rir,
Lembra-me daquella tarde
Que queriamos fugir...

A laranja de madura
Cahio n'agua foi ao fundo;
Triste da moça solteira
Que anda na boca do mundo.

Da Bahia me mandaram
Um presente com seu molho,
Uma costella de sapo,
Um coração de piólho.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem smores?

O pintor que pintou Anna
Tambem pintou Leonor;
Se Anna sabiu formosa,
Que culpa teve o pintor.

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez o conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

- A ignorancia marcha, quasi sempre, acompanhada da vaidade e do orgulho.
- A nossa maior ignorancia consiste em nos ignorarmos.
- A maior enfermidade do genero humano é a ignorancia.
- A ignorancia é a mais perigosa das molestias, e a causa de quasi todas.
- A ignorancia é um grande mal; porém a falsa sciencia é um mal ainda maior.
- A ignorancia, que precede a sciencia, é preferivel á ignorancia doutoral que se lhe segue.
- Nada ha tão decisivo, como a ignorancia.
- A ignorancia não duvida, porque desconhece que ignora.
- A unica maneira de encobrir a ignorancia é não fallar daquillo, que se não sabe.
- Ha tres qualidades de ignorancia: não saber nada; saber mal o que se sabe; e saber o contrario, ou diverso daquillo, que se deve saber.

—As conquistas, que não deixam pesar a ninguem, são as que se fazem sobre a ignorancia.

—O mais nobre premio da sciencia é o prazer de esclarecer a ignorancia.

—Nossa ignorancia nos faria grande pena, se nossa vaidade nos não roubasse o conhecimento della.

—A falsa sciencia, que faz imaginar saber-se o que se não sabe, é ainda pior que a ignorancia.

—A ignorancia é tão prolixa em seus discursos, como a sabedoria é concisa.

—Não se é nunca mais ignorante, que pela sciencia das cousas inuteis.

—Desagrada aos ignorantes a companhia dos sabios, como aos moços a sociedade dos velhos.

—Os ignorantes costumam condemnar quasi tudo aquillo, que não entendem.

—O ignorante é o seu proprio inimigo; e como poderá elle ser amigo dos outros?

—O receio de parecer ignorante é, muitas vezes, o maior obstaculo a deixar de o ser.

—Aquelle que não sabe nada, julga ensinar os outros; e o que não sabe muito, pensa apenas que o que diz possa ser ignorado.

—Um ignorante rico é um grosseiro vaso da terra dourada por fóra.

—Os homens são máos, porque ignoram quanto lhes interessa o serem bons.

—Os grandes crimes não são, ordinariamente, commettido senão por grandes ignorantes.

—Deos e os homens tem por ignorante a quem a si mesmo se tem por sabio.

—Ningem agrada si proprio tanto, como o ignorante.

—Condemnamos por ignorancia as gerações preteritas, sem nos lembrarmos de que igual sentença nos espera nas gerações futuras.

NOVOS

ROMANCES FRANCEZES

PARA PIANO E CANTO

DO ALBUM DE 1858

quando de lindas lithographias.

<i>Saulerie Thys. L'ange Gardien</i>	500.
» <i>Petit nègre</i>	800.
<i>F. Masini. Les deux anges</i>	500.
» <i>Les frissons de l'âme</i> ...	500.
» <i>La légende du Roitelet</i> ..	500.
<i>G. Nadaude. Ma voisine</i>	500.
» <i>Le Sallon de la jeunesse</i>	500.
<i>Dorval Valentino. Maison deschamps</i>	800.
» <i>Où vas tu pauvre</i>	
» <i>passager?</i>	800.
<i>A. E. de. Vauorbeil. Sérénade</i>	500.
» <i>Les larmes</i> ...	500.
» <i>Simple chanson</i>	500.
» <i>Plainte sur la</i>	
» <i>morte de Sylvie</i>	500.
<i>Ernest Doré. Mes quinze ans!</i>	800.
<i>Ed. Rocmelle. La cloche du St. Lieu</i>	800.
<i>Jules Deglimes. Voici la neige</i>	800.
<i>A. Durand. L'ange des fleurs</i>	800.
<i>Ed. Lhuillier. Le chant du colibri</i> ..	800.
<i>Ch. Collin. L'espoir</i>	800.
<i>I. Offembac. Le mariage aux lanternes</i>	800.
<i>A. Marmontel. Printemps de la vic.</i>	500.
<i>Bourdais Du Rocher. Prends garde</i> ..	500.

<i>Wekerlin. Ode à la charité</i>	500.
<i>Gordigiani. L'Etoile de Marie</i>	500.
» <i>Un Bacio</i>	500.
<i>Wekerlin. Brunette</i>	500.

NA LOJA DE PAULA BRITO

44 — Rua do Cano — 44

Charada.

Pôde ser pelos homens combatida,
Mas não será por elles transviado,
Porque mesmo inda sendo requestada
Não pôde, quem tal é, ficar perdida;
Houve muitas, temos muitas hoje
Dignas em tudo de um padrão de gloria;
Mas uma houve de tão grande fama
Que tem renome na sagrada historia.... 2

Foi dos bens de Labão bem precioso,
Que embora por Jacob não pretendido,
Em premio o deu, por tel-o, dedicado,
Como pastor sete annos bem servido... 2

CONCRETO.

Da limpha que della sabu
Quem bebe fica inspirado
E tem de poeta o nome,
Como tal sendo aclamado;
Se d'isso não tomos hoje,
Como já houve algum dia,
Faz o que é da nossa terra
A nossa Mythologia.

P. B.

Enigma historico.

Em qual das—*Ilhas afortunadas*—vio a
luz do dia o—*Apostolo do novo Mundo?*

CHÁ

SUPERIOR

PRETO, VERDE E NACIONAL.

Paula Brito caprichando hoje como antigamente em vender—*chá do methor que ha*—chama a attenção de seus antigos freguezes para a sua loja da praça da Constituição n. 64—porta larga—onde terá sempre, como d'antes, generos bons e de bom gosto, que serão vendidos por preços commodos e com a boa fé de que o annunciante é capaz, procurando fazer tudo para que esta sua loja seja conhecida pelo titulo de—*Loja do bom e barato*.

—As decifrações das charadas do numero antecedente são *Perola e Pantufa*.

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 41 e praça da Constituição n. 64.